

## A intelectualidade de Carolina Maria de Jesus por meio de sua obra “Quarto de despejo”

*The intelligentsia of Carolina Maria de Jesus through her work " Room Dump "*

*Gláucia Santos*

Graduanda no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

E-mail: [glaucia\\_santos01@yahoo.com.br](mailto:glaucia_santos01@yahoo.com.br)

---

**Resumo:** O livro “Quarto de despejo” é o retrato de um período e um lugar. Em forma de diário, relata o cotidiano de sua autora, Carolina Maria de Jesus, e dos moradores da extinta Favela do Canindé, na cidade de São Paulo. Carolina de Jesus escrevia para aliviar a sua dura realidade e, por meio de sua narrativa, dava sentido (ou procurava um) ao caos e ao abandono em que vivia. Escrita entre os anos de 1955 e 1959 e publicada em 1960, a obra se tornaria um fenômeno de vendas e provocaria muitos debates nos meios acadêmicos, sociais e culturais. Este artigo tem como finalidade analisar essa obra, seu contexto e sua importância como documento sócio histórico.

**Palavras-chave:** História. Cotidiano. Narrativa. Sujeito.

**Abstract:** The book "Room of Eviction" is the portrait of a period and place. In diary form, it describes the routine of its author, Carolina Maria de Jesus and the residents of the extinct slum of Canindé, in the city of São Paulo. Carolina de Jesus wrote to relieve her hard reality and through her narrative gave sense (or sought for one) to the chaos and the abandonment she lived. The books was written between the years of 1955 and 1959 and published in 1960, the title would become a phenomenon of sales and provoked much debate in the academic, social and cultural backgrounds. This report aims to analyze the book "Room of Eviction", its context and its importance as a social/historical document.

**Keyword:** History. Everyday. Narrative. Subject.

---

### *1 Carolina*

Ela foi batizada Carolina Maria de Jesus, mas gostava mesmo era do apelido, Bitita. Nasceu em Sacramento, Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Como era comum na época entre as famílias pobres, não foi registrada em cartório, o que possibilitou, mais tarde, que tivesse várias datas de nascimento. Segundo a pesquisadora Eliana de Moura e Castro<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Eliana de Moura e Castro e Marília Novais M. Machado são doutoras pela universidade de Paris na área de Psicanálise, pesquisadoras e ex-professoras da Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2007 escreveram em conjunto o livro: Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus.

[...] na certidão de batismo, emitida pela Paróquia Nossa Senhora do Patrocínio do Santíssimo Sacramento, a data é 6 de outubro de 1915. Suas próprias reminiscências de infância a mostram com seis anos em 1927, quando morreu seu avô. Artigos de jornal e revistas mencionam 1913 como o seu ano de nascimento (CASTRO, 2007, p. 13).

Filha de Maria Carolina de Jesus e de João Cândido Veloso, boêmio da cidade de Araxá, afirmava ter herdado dele a veia artística. Vera Eunice<sup>2</sup>, filha de Carolina de Jesus, descreve o avô da seguinte forma:

[...] até onde sei, era do tipo que vivia pelas ruas, cantarolando, tocando violão e fazendo versos. Ele era preto. PRETO. [...] Nossa veia artística pode ter vindo dele. Bebia até o sol raiar, não trabalhava, ficava “fazendo arte”. Aliás, foi assim que ele conheceu minha avó Maria Carolina: “fazendo arte”! (LIMA, *apud* LEVINE, 1994, p. 66).

João Cândido e Maria Carolina tiveram uma relação extraconjugal, já que ela era casada com outro homem, por isso Carolina de Jesus ficaria marcada para sempre como filha ilegítima. Era apontada na rua, recebia insultos por parte da família da mãe e de alguns moradores. Do pai, nunca teve notícias. Sacramento era uma cidade muito conservadora e moralista. Neta de ex-escravos, negra de pele muito escura, mulher e pobre, Carolina de Jesus foi posta a margem de tudo muito cedo. Em seus diários, faz várias menções ao fato de seu irmão, fruto do casamento legítimo, ser mais claro que ela, evidenciando ainda mais sua condição de bastarda. “Eu conhecia o pai de meu irmão e não conhecia o meu” (JESUS, 2007, p. 7).

Vivia com sua mãe e o irmão em um terreno que pertencia a seu avô, Benedito José. Dele, guardava a lembrança de ser um homem honesto e muito respeitado, que não tinha vícios. Seu caráter influenciaria o caráter de Carolina para sempre.

Por volta dos seis anos, foi matriculada no Colégio Alan Kardec, por intermédio de Dona Mariquinha Saturnino, para quem sua mãe lavava roupas. Carolina escreveria, mais tarde, que a mãe não entendia o porquê da escola, mas matriculou a filha para não desagradar a patroa.

A escola seria a responsável por profundas mudanças na vida de Carolina de Jesus, e mesmo tendo ficado pouco tempo, apenas dois anos, foi o suficiente para despertar em sua alma o amor pela leitura e pela escrita.

Carolina de Jesus deixou a escola para trabalhar. Desde cedo, começou a ajudar a mãe. Trabalhava em casa de família, exercendo todo tipo de função: lavava, passava, limpava e até cozinhava. O salário era ínfimo e pouco dava para comer.

Essa era a situação geral da imensa maioria dos negros, mais de trinta anos após a Lei Áurea. Os libertos não compunham uma classe trabalhadora, esta era ocupada, principalmente, pelos imigrantes que começavam a chegar. Aos negros restavam os piores trabalhos, não eram vistos como mão de obra passível de ser treinada para compor o contingente especializado com acesso a cargos importantes nos vários setores da sociedade. A abolição havia dado, aos escravos, a liberdade, mas não condições de trabalho dignas. Esta viria com o tempo e muita luta. A falta de uma política de

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Vera Eunice a José Carlos Sebe Bom Meihy, professor aposentado do departamento de História da Universidade de São Paulo e Robert M. Levine, historiador americano, ex- professor de história na Universidade de Miami em pesquisa para o livro: Cinderela Negra. A saga de Carolina Maria de Jesus.

integração ao mercado de trabalho por parte do governo contribuiu para criar um abismo social entre a classe trabalhadora, os negros e seus descendentes, que pode ser percebida até hoje.

Já mocinha, Carolina foi morar com a mãe em um sítio, lavrava a terra, plantava e colhia, gostava de ler, e os livros, que pegava emprestado dos patrões, eram seus companheiros. Extremamente observadora e crítica, Carolina de Jesus gostava de aprender e discutir suas ideias. Em uma sociedade machista, sua atitude não agradava, possuía senso de justiça e não ficava calada diante de uma ofensa, mesmo sendo muito jovem.

A estada na fazenda não deu certo. Carolina e a mãe voltaram para a cidade. Desse período, Carolina guardou o amor pela terra e a certeza de que tendo um pedaço de chão, ninguém passa fome. O campo influenciaria na composição de seus versos, trovas e dramas. Em seu poema “O Colono e o Fazendeiro”, podemos perceber sua personalidade contestadora e poética:

Diz o brasileiro  
Que acabou a escravidão  
Mas o colono sua o ano inteiro  
E nunca tem um tostão  
[...]  
Fazendeiro ao fim do mês  
Dá um vale de cem mil-réis  
Artigo que custa seis  
Vende ao colono por dez  
[...]  
Ele perde a mocidade  
A vida inteira no mato  
E não tem sociedade  
Onde está o seu sindicato?  
[...]  
Trabalha o ano inteiro  
E no Natal não tem abono  
Percebi que o fazendeiro  
Não dá valor ao colono.  
(JESUS, 1996, p.147)

Depois de perambular por várias cidades na região do Triângulo Mineiro, entre elas Franca, Uberaba e Ribeirão Preto, Carolina solicitou, junto ao cartório de Sacramento, sua certidão de nascimento para poder “ir mais longe” (CASTRO, 2007, p. 13). A data era 18 de agosto de 1934, então Carolina de Jesus contava com 20 anos, logo rumaria para São Paulo.

## ***2 A cidade de São Paulo***

A cidade de São Paulo passava, na década de trinta do século XX, por intensas transformações. A chegada de muitos imigrantes, as reformas políticas, a intensa urbanização faziam-na parecer uma Babel, e Carolina logo se ambientou. Para Castro,

São Paulo desenvolvia-se com tal rapidez que era impossível seguir um plano. Considerada feia por muitos, tinha ao centro edifícios pomposos, ultrapassados e mal construídos, e ruas estreitas sem circulação de ar. Era selvagem, ainda a ser domada. [...] Aos olhos de Carolina, esse espaços tão desiguais eram desafiantes e, como ela própria, ambíguos e contraditórios. São Paulo era certamente um lugar em que ela podia viver, [...]. Sentiu-se em casa (2007, p. 26).

Carolina de Jesus teve vários empregos. Foi babá, empregada doméstica, lavadeira e vendedora de feira. Por ter gênio difícil e rebelde, não se adaptava, logo era mandada embora, não gostava de cabresto. Quando desempregada, dormia em albergues ou mesmo na rua, sob as marquises das lojas.

Passou, então, a catar lixo pelas ruas de São Paulo, escrevia compulsivamente em cadernos e papéis avulsos que encontrava pelo caminho, tudo que permitia registrar sua veia poética era usado para tal.

A cidade representava a liberdade, oportunidade e, também, muita luta e pobreza. Carolina lutava para sobreviver. Há registros de que morou em cortiços e, dessa experiência, escreveu, anos mais tarde, o romance *Felizarda*, depois publicado com o nome de “Pedaços da Fome” (CASTRO, 2007, p. 28). Em suas anotações, registrava as mazelas e contradições de São Paulo e de seus habitantes.

Carolina gostava de tudo que era belo, das artes e da música. Gostava de circo e se oferecia para trabalhar no que desse. Nessa época, escrevia poemas, compunha músicas e marchinhas de carnaval. Escrevia para esquecer a fome, a miséria, o abandono. Em entrevista ao historiador José Carlos Meihy, Audálio Dantas<sup>3</sup> nos dá a seguinte declaração:

ela vinha perseguindo a glória há muito tempo. [...] logo depois de seu sucesso apareceu uma reportagem sobre ela que tinha sido publicada em um jornal – acho que a Folha, em 1946 – feita pelo repórter Ville Aureli, dizendo que era uma poetisa negra, e coisa e tal, só que ninguém acreditou [...] Então esta busca era antiga Acho que era um meio dela conseguir, digamos, a sua alforria. Sair daquele estado de miséria (*apud* CASTRO, 2007, p. 28).

Em 1948, grávida de seu primeiro filho, Carolina, com a ajuda de outros moradores, constrói um barraco na favela do Canindé. Era, agora, mais que uma negra pobre, passava a fazer parte dos miseráveis, dos que, como ela, compunham o quadro dos excluídos sociais da cidade de São Paulo. Sobre a cidade, escreveria em *Quarto de Despejo*: “... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2006, p. 28).

### 3 A favela do Canindé

Quando João José nasceu, em 01 de fevereiro de 1949, Carolina ocupava o barraco número 9 da Rua A na favela do Canindé. Para ter o que comer levava o menino nas costas enquanto catava papelão, lata e o que mais desse para vender.

---

<sup>3</sup> Audálio Dantas – Jornalista que a descobriu na favela do Canindé em 1958 ao realizar uma reportagem sobre a vida dos favelados.

Geralmente, dava muito pouco e com o nascimento do segundo filho, José Carlos, em 06 de agosto de 1950, Carolina tinha que carregar os dois. “Carolina passa a ter de levar, nas suas peregrinações pelas ruas da cidade, os dois meninos, mais o saco de papel” (CASTRO, 2007, p. 38). Vera Eunice nasce em 15 de julho de 1953. As três crianças eram filhas de pais diferentes e apenas do pai de Vera Eunice que Carolina recebe alguma ajuda, mesmo assim irregular.

Mulher independente, que não aceitava se submeter, Carolina não via sentido no casamento, achava um absurdo a vida das conhecidas que, mesmo tendo um homem em casa, trabalhavam para sustentar os filhos e, muitas vezes, os maridos também.

Em Quarto de Despejo, registrou:

há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantêm o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais (JESUS, 2006, p. 18).

A favela do Canindé ocupava uma área próxima ao bairro de mesmo nome, onde, hoje, fica o estádio da Portuguesa de Desportos.<sup>4</sup> A vida na favela era degradante, segundo Carolina,

chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar cruvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. [...] O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. [...] Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no exterior estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. Fitei o quintal, o lixo podre exalava mal cheiro. Só aos domingos que eu tenho tempo de limpar (JESUS, 2006, p. 42).

Em entrevista a Meihy, Dona Maria Puerta<sup>5</sup> afirma que a favela possuía mais de 180 barracos, feitos, em sua maioria, de restos de madeira de construção, latas e papelão, não ofereciam proteção, muito menos privacidade. Quando chovia e o rio Tietê transbordava, inundava os barracos, destruindo o pouco que tinham. As doenças como esquistossomose e leptospirose, que são transmitidas por caramujos e ratos, eram comuns. Segundo Carolina, o problema não era devidamente tratado pelas autoridades:

eu estava tonta de fome devido ter levantado muito cedo. Fiz mais café. Depois fui lavar as roupas na lagôa, pensando no departamento Estadual de Saude que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença caramujo. Mas não deu remédio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença caramujo nos disse que a doença é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o exame porque eu não posso comprar os remédios (JESUS, 2006, p. 90).

Carolina de Jesus lamentava as condições em que seus filhos estavam sendo criados. A situação dos favelados era humilhante, a degradação social levava à

---

<sup>4</sup> Revista de Historia Acesso em 20/02/2014, 11h03min

<sup>5</sup> Entrevista de Dona Maria Puerta, vizinha de Carolina na favela do Canindé, ao historiador José Carlos Meihy para o livro Cinderela Negra, 1994, p.108

degradação moral, à fome, a doenças. A violência a que eram submetidos agia como ácido que corroía suas almas, suas dignidades, suas esperanças. Preocupados em garantir o que comer, não se davam conta do mundo externo, muitos não possuíam consciência dos seus direitos. Para Carolina,

[...] aqui na favela quase todos lutam com dificuldade para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros. [...] Antigamente, isto é de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. Já não sobra dinheiro para eles comprar pinga. As batucadas foram cortando-se até extinguir-se (JESUS, 2006, p. 32).

Na favela, não havia cor, beleza. Para quem observava de fora, os que “moravam no asfalto”, como descrevia Carolina, a favela representava o crime, os vícios, então, quando da favela surge uma escritora, surge com ela, também, a admiração e o temor.

#### 4 A obra “Quarto de Despejo”

Para Antonio Gramsci <sup>6</sup>,

todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político [...] (2010, p. 15).

O diferente em Carolina era que o extrato social da qual fazia parte quase não produzia intelectuais, muito menos intelectual mulher e negra. Postos à margem de tudo e todos, os favelados eram sujeitos que quase não consumiam a cultura dita erudita ou clássica, e mesmo a cultura popular não estava ao alcance de todos. Poucos possuíam rádio, livros ou revistas. O que era comum, na favela, eram as festas religiosas, as datas comemorativas, como carnaval e Natal, e as procissões em homenagem a algum santo. Até então, o universo da favela era cantado, representado e escrito por quem estava fora dela.

A própria noção de cultura passaria por grandes transformações ao longo do século XX, em um movimento vertical, da elite para as classes mais baixas. Por meio dessas mudanças nos paradigmas culturais, outras formas de manifestação da arte, da literatura e da música foram incorporadas. A cultura popular passa a receber atenção graças aos movimentos artísticos das décadas anteriores a 1950.

Segundo Chartier <sup>7</sup>,

a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social e construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a

<sup>6</sup> Antonio Gramsci, 1891-1937, foi político marxista e um dos fundadores do Partido Comunista na Itália.

<sup>7</sup> Roger Chartier é professor, historiador e pesquisador francês.

apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (2002 p. 16).

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (2002 p. 17).

Quem elege a obra de Carolina de Jesus como referência cultural são os que estão fora da favela, e mesmo a escritora não pode precisar, no momento em que registra seu cotidiano, que este se tornará objeto de análise social, historiográfico, antropológico, etc.

Para Certeau<sup>8</sup>,

afastados das situações conflitantes, cada vez mais distantes, é mais fácil para nós **[os historiadores]** revelar a sua marca nestes estudos. Estamos, nós mesmos, adiante disto. À medida que se diluem as divisões que, ontem, organizaram ao mesmo tempo uma época e sua historiografia, elas podem ser analisadas nos próprios trabalhos deste tempo. O desaparecimento do período condiciona uma tal lucidez, mas esta compreensão, pretensamente "melhor", que de agora em diante é a nossa, se refere ao fato de estarmos deslocados: nossa situação nos permite conhecer a deles de outra maneira que eles a puderam conhecer (2011, p. 23, Grifo meu).

Com o passar do tempo, as mudanças sociais e culturais que hoje nos possibilitam enxergar a obra de Carolina de Jesus como documento e, com isso, nos permite, pelo menos em parte, entender o contexto histórico em que a escritora estava inserida.

Carolina escrevia com o objetivo declarado de poder vender sua obra e comprar uma casa de alvenaria no “mundo do asfalto”. Não via, nos moradores da favela, possíveis leitores, o comportamento deles é motivo de crítica por parte da escritora. Há várias passagens no livro Quarto de Despejo em que ela condena a promiscuidade, a bebida, os vícios. Em contrapartida, exalta os bons modos e as pessoas de fino trato. Escrevia para os que estavam fora do seu grupo social.

[...] Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfação a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: - Muito bem, Carolina! (JESUS, 2006, p. 65)

A professora Germana Henriques<sup>9</sup>, em entrevista ao programa “Tirando de Letra” da UNB-TV, cita que Carolina tinha como referencial poético escritores como

---

<sup>8</sup> Michel De Certeau, 1925-1986, licenciado em Letras e Teologia. Renomado historiador foi professor da Universidade de Paris VII

Casimiro de Abreu e Castro Alves, sua escrita é pontuada por palavras de pouco uso na linguagem coloquial, em contrapartida com uma falha de concordância nominal, verbal e pontual. Seus estudos não lhe possibilitaram adquirir o conhecimento teórico da escrita. Em seu livro, a professora Germana aponta que

Carolina preza o clássico, porque para ela era obra do poeta fidalgo, de luvas brancas. E era esse poeta que ela queria alcançar. O passadismo da poesia de Carolina se contrapõe ao padrão de gosto dos anos 1960, pelo fato de ir buscar num sistema arcaizado a resposta para a pergunta: o que é ser poeta? (SOUSA, 2012, p. 103).

A literatura clássica aparece em seus textos descrevendo outra época, outros costumes, que, além de influenciar sua escrita, influenciam, também, na forma como o imaginário de Carolina percebe o mundo a sua volta, seus valores e princípios que ela busca de alguma forma resgatar.

Historicamente, o mundo que observamos em “Quarto de Despejo” é a visão de Carolina de Jesus sobre a realidade que a cercava, o testemunho de outros moradores pode nos dar uma visão diferente da favela, mas é Carolina quem, ao testemunhar os fatos, os registra e divulga. É sua percepção que nos chega e isso a transforma na visão Gramsciniana em um intelectual orgânico. Não produzido pelo grupo da qual fazia parte, porém aceita por outros grupos que produziam cultura e intelectuais.

De acordo com Gramsci,

dado que estas várias categorias de intelectuais tradicionais sentem com “espírito de grupo” sua ininterrupta continuidade histórica e sua “qualificação”, eles se põem a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante. Esta autoposição não deixa de ter conseqüências de grande importância no campo ideológico e político. Toda a filosofia idealista pode ser facilmente relacionada com esta posição assumida pelo conjunto social dos intelectuais e pode ser definida como a expressão desta utopia social segundo a qual os intelectuais acreditam ser “independentes”, autônomos, dotados de características próprias, etc. (2010, p. 17).

Mesmo não se reconhecendo como intelectual, Carolina compreendia a força da palavra e a usava para exercer poder. Em “Quarto de Despejo”, sempre que um morador da favela ou mesmo dos bairros ao redor lhe contrariava, era ameaçado de ser “incluído no livro que estava escrevendo”. A literatura lhe possibilitava uma defesa contra as humilhações e violências de que estava sujeita. Colocada a seu serviço, sua obra e sua intelectualidade a defendem do seu próprio grupo social.

Determinada a se fazer reconhecer como escritora, Carolina de Jesus enviou seus textos para uma revista americana, mas os mesmos foram devolvidos, escreveu em seu diário: “fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O *The Reader Digest* devolveia os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra.” (JESUS, 2006, p. 135)

---

<sup>9</sup> Germana Henriques Pereira de Sousa é professora do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Escreveu em 2012 o livro *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata*.



O encontro com Audálio Dantas se deu, da parte dele, por puro acaso. O jornalista escolhera a favela do Canindé para fazer uma reportagem sobre os problemas que enfrentavam seus moradores. Já Carolina, ao saber que um jornalista estava na favela, buscou ser “ouvida” por ele ao protestar contra alguns adultos que usavam um *playground* instalado pela prefeitura para o uso das crianças da favela. Sua atitude não passou despercebida ao jornalista e, depois de conseguir sua atenção, lhe mostrou seus cadernos de anotações. A sensibilidade jornalística de Audálio Dantas percebeu a importância dos registros. Anos depois escreveu:

no primeiro dia em que estive lá, desisti da reportagem porque a Carolina se manifestava enquanto eu entrevistava algumas pessoas. Ela protestava contra alguns adultos que ocupavam um playground que a prefeitura havia instalado na favela. Ameaçava colocar o nome daquelas pessoas no seu livro. Então, naturalmente, quis ver qual seria o livro. Depois ficou muito claro que Carolina fez tudo aquilo para chamar a atenção, porque queria que eu soubesse que ela escrevia. Conseguiu (DANTAS *apud* LEVINE, 1994, p. 102).

Durante dois anos, de abril de 1958 a meados de 1960, Audálio Dantas leu, releu e selecionou o material de três cadernos que Carolina havia lhe entregue. O jornalista, no prefácio da 8ª edição de “Quarto de Despejo”, justifica sua conduta da seguinte forma:

a repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mas significativos. [...] Mexi também na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha (DANTAS *apud* JESUS, 2006, p. 3).

Esse trabalho é rotineiro no meio editorial, é comum que o editor faça observações, apontamentos que chamem a atenção para determinado assunto ou não. Dessa forma, a interferência no trabalho visa o mercado consumidor para o qual o livro é dirigido.

“Quarto de Despejo” foi lançado com uma forte campanha de marketing e, com isso, Carolina de Jesus, da noite para o dia, foi alçada ao sucesso. Deu entrevistas nas rádios e na televisão, participou de feiras de livros, inauguração de escolas, ficou conhecida em todo o Brasil, viajou para a Argentina, Chile e Uruguai. Teve seu livro traduzido para o inglês, para o francês e para o alemão. Mas a estranheza da sociedade sobre a escritora é mutua, de um lado os favelados que nunca a tinham visto como igual, do outro o “mundo de alvenaria”, a elite letrada que não a aceita porque Carolina representa tudo o que não devia ser. Segundo Eliana Castro,

Carolina não corresponde aos estereótipos e sempre surpreende. Negra espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher, espera-se que seja submissa, mas não é. Semi-analfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida com escritora (2007, p. 77).

O escritor é, historicamente, o sujeito que se difere da sociedade em que vive, é alguém que, podendo representar, por meio da escrita, o imaginário, os fatos, as características da sociedade, dar voz e se fazer ler e influenciar, confere medo e

admiração, mas a sociedade brasileira não estava pronta para o debate que a obra de Carolina provocava. Vista como mercadoria de consumo e consumida, logo foi esquecida.

O tempo, que fascina os homens e que não pode ser domado, se encarregou de, outra vez, dar voz à catadora de lixo. Cumprindo seu papel de intelectual ao retratar o ambiente em que vivia, suas mazelas e dificuldades, bem como a dos moradores da favela do Canindé, Carolina Maria de Jesus nos oferece importantes informações a respeito da sociedade brasileira, tornando seus registros pessoais fontes documentais de grande importância historiográfica.

### *Referências*

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito Bem, Carolina!**: biografia de Carolina Maria de Jesus. Editor: Fernando Pedro da Silva. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittone Ramos. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 2. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Coedição de Luiz Sérgio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

JESUS, Carolina Maria de, 1914-1977. **Antologia pessoal**. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. **Quarto de Despejo** – diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Diário de Bitita** / Carolina Maria de Jesus. 2. ed. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.

LEVINE, Robert M; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus**: O estranho diário da escritora vira lata. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

### *Referências eletrônicas*

<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/conto-das-ruas>> Acesso em: 18/02/2014, 11h03min

Entrevista Prof<sup>a</sup>. Dra. Germana Henriques Pereira de Souza. Acesso em: 18/01/2014 10h45min <<http://www.youtube.com/watch?v=v6v4jJhPnj8>>